anarquismo internacional, sem que sôbre ela tenha exercido influência alguma a ingerição de poucos elementos confusionistas e dissolventes que nunca tiveram prestígio algum sôbre o movimento, ou não passaram pelo anarquismo senão por um breve período de exercício retórico ou desportivo».

Verificado êste facto animador e expostos os fins do congresso, foi aprovada a seguinte saudação:

«O Congresso anarquista italiano envia uma saudação de solidariedade a todos os camaradas e a todos os agitadores que, por motivo das suas ideas revolucionárias, sofreram perseguições da parte dos Estados burgueses. Recorda os camaradas militantes germânicos P. Rathus e P. Schreyer, condenados às galés pela sua agitação contra a guerra; recorda Pierre Monatte, perseguido pela reacção francesa; envia uma saudação particular a Sebastien Faure, a Luigi Bertoni, a Errico Malatesta, a quantos opõem a fôrça do seu pensamento e do seu nome aos traidores da causa revolucionária».

Discutindo-se em seguida o internacionalismo, foi decidido publicar uma declaração colectiva, que sirva ao mesmo tempo de resposta ao «manifesto dos dezasseis» (que, por sinal, são catorze), e estabelecer relações seguidas com os camaradas dos outros países e sobretudo com os da França, onde a defecção causou maiores danos. Os dois encargos foram dados a uma Comissão de acção internacional, que procurará suscitar e desenvolver a idea e o desejo duma Internacional anarquista, a constituir definitivamente depois da guerra.

Em seguida, o Congresso aplaude a obra da União Sindical Italiana e incita os camaradas a ajudarem-na activamente contra as intrigas de De Ambris e outros politiqueiros, que procuram arrastar para a política burguesa as organizações operárias. Quanto ao Partido Socialista, o Congresso repele a idea dum bloco com êle, aconselhando apenas cordialidade de relações e discussões. Sôbre a futura Internacional operária, entende que, para não preparar novos desenganos, ela deve admitir tôdas as correntes de pensamento e acção operários, socialistas e internacionalistas, e ter um carácter mais libertário e mais revolucionário.

Os camaradas italianos anteciparam assim o que os anarquistas devem fazer num congresso internacional, com a maior retumbância possível, logo que isso seja praticável.

Revolução Social

Reune na segunda-feira êste grupo de propaganda anarquista, no lugar do costume.

Tôda a correspondência deve ser dirigida a J. Campos, rua do Sol, 131.

G. Libertário da Bouça

Convidam-se todos os camaradas a reunir pelas duas horas da tarde, em casa do camarada J. Francisco, para assuntos de propaganda.

COMÍCIO

Hoje, domingo, e promovido pela Federação das Associações Operárias, realiza-se um comício público no largo da Laboriosa, afim de se tratar da magna questão do pão.

Convida-se o povo a assistir.

TIERRA Y LIBERTAD

Semanário anarquista que se publica em Barcelona. Preço 20 réis. A' venda na redacção de «A Aurora».

Cumpram-se os fados: assinalem-se as épocas. E' da história, augustíssimos senhores!...

JOAQUIM SALGADO.

VIDA ANARQUISTA

Aliança Anarquista

Em vista das necessidades presentes, para intensificar a acção e a propaganda libertárias, os anarquistas residentes no Estado brasileiro de S. Paulo constituíram, sob o nome de «Aliança Anarquista», uma federação de grupos, ligados apenas por uma comissão de correspondência, da qual, aliás, se poderão servir os camaradas não filiados em grupos.

As «bases de acôrdo» estabelecem, nas suas linhas gerais, um programa de acção, tendo como pontos principais o esclarecimento das causas fundamentais da conflagração actual, o anticlericalismo antireligioso e libertário e o antimilitarismo antiestatal. Outros fins da «Aliança»: combate contra o parlamentarismo, intervenção nas lutas populares e no movimento operário, favorecimento da organização e acção de classe, sempre com intuitos anarquistas.

Congresso anarquista italiano

Só agora podemos dar uma notícia um tanto desenvolvida do importante congresso que os nossos camaradas italianos celebraram em Ravená, em agôsto último. Resumimos o relato dado pelo diário socialista «Avanti!», de Milão.

Além dos congressistas que não representavam colectividade alguma, havia delegados das federações regionais ou grupos de todos os pontos da Itália, bem como dos jornais existentes. Os mais conhecidos militantes, que não puderam assistir, mandaram cartas de adesão. O relato diz neste ponto:

«Dum relatório sumário feito pelos representantes das várias províncias resultou que na realidade as fôrças anarquistas de Itália permaneceram tôdas fiéis ao princípio da solidariedade internacional e não desertaram para o guerreirismo, e a grande massa dos proletários anarquistas conserva intacta a sua confiança no

Carta de Lisboa

Associação de Classe dos Operários Serralheiros de Lisboa. — Solenisando o 25.º aniversário da fundação e o 5.º da sua reorganização, apareceu um número único dum periódico com o título, «O Serralheiro», que publica vários artigos para os quais chamo a atenção das classes operárias.

Fechando o editorial, *Na Brecha*, vem uma passagem, que, pelas verdades nele encerradas, passamos a transcrever:

«No momento em que os assambarcadores se unem para tirarem partido nas suas transacções, enchendo os seus cofres, e nós esvasiando as nossas algibeiras, passando privações, continuamos dispersos!... Associai-vos, pois, proletariados de todo o mundo, para reivindicarmos aquilo a que temos jus.»

Estas palavras que sintetisam inteiramente a nossa opinião, deveriam ser secundadas pelo proletariado, como é de justiça. Que poderemos nós obter, alheando-nos das agremiações que representam um passo para a nossa Emancipação?!... Nada, a não ser os vexames dos capitalistas.

Necessita-se da organização operária, do contrário resultarão estéreis todos os esforços que os proletários façam no sentido de se emanciparem. Há sindicatos operários que atravessam uma situação periclitante, muitas vezes devido à má compreensão que os oprimidos teem das suas funções.

Mais: a vida dum sindicato não se resume ùnicamente em realizar festas de aniversário. O dever dum sindicado — de igual forma — não consiste ùnicamente em pagar as suas cotas.

Segundo lemos num jornal que temos presente («O Benaventense», de 26-4-14) a «Associação dos Trabalhadores daquela vila pretendia comemorar o 2.º aniversário da fundação do seu baluarte de reivindicações, promovendo *cortejo cívico, quermesse, concurso de danças, fogo de artifício*, etc... Que idea formam os orientadores dêstes organismos de classe?

Francamente, é lamentável que se façam comemorações desta forma. Em que conceito ficarão esses sindicatos para com os burgueses? Bem triste, sem dúvida, porque um baluarte associativo do proletariado de forma alguma se deve tornar em organismo... com ideas burguesas.

Somos levados a escrever estas linhas, afim de colocarmos esta questão nos devidos termos. Queremos — no sentido libertário do termo — que as classes operárias se interessem mais pelas suas reivindicações, para que os sindicatos não se vejam em situações perigosas, e para que os camaradas que se encontram à frente dos sindicatos não esmoreçam na tarefa da organização que tam necessária se torna.

Ao terminar — e devido à matéria dêste artigo se ter desenvolvido bastante — cumpre-nos felicitar efusivamente a comissão administrativa do sindicato de classe dos operários serralheiros pela passagem do seu 25.º aniversário, que na situação em que se encontram as classes operárias representa uma grande soma de esforços. Que o seu desejo de união seja correspondido pelos camaradas de ofício, são os nossos sinceros votos.

Comemora-se muito brevemente o aniversário da Asssociação de Classe dos Latoeiros de folha branca, tencionando a comissão administrativa do mesmo sindicato realizar uma sessão, na qual usarão da palavra diversos camaradas, efectuando igualmente uma velada de propaganda social, contando assim despertar o entusiasmo entre a classe para com o seu sindicato.

Em tempo oportuno, daremos informações mais detalhadas, podendo, no entanto, afirmar que esta classe, pouco a pouco, vai despertando do marasmo em que se tem encontrado mergulhada.

JOÉLIR.

O Alcoolismo

II

Uma vista d'olhos pelo passado

Passando agora da lenda para a História, iremos encontrar já entre os antigos as tristes consequências do alcoolismo. Assim, Felipe II, da Macedónia, cuja côrte parece ter sido uma reunião de guerreiros brutais e bêbados, a começar pelo monarca, teve entre outros filhos Alexandre — o Grande — e Arrideo.

Este último era fraco de inteligência e sujeito a acessos freqüentes de cólera. Alexandre, colérico, como o irmão, tinha a cabeça inclinada para um dos lados, o que indica assimetria dos músculos do pescoço e um tique nervoso nos olhos; mandou matar Atala, tio de sua madrasta, e, mais tarde, todos os parentes dela, Clito, um dos mais dedicados servidores, etc. Como se vê, uma série de estigmas somáticos e psíquicos que, hoje, se encontram mais ou menos correntemente nos heredo-alcoólicos, se observa na descendência de Felipe. Alexandre morreu no fim dum festim, completamente embriagado, vítima da sua intemperança, com 33 anos de idade. Filho de dois alcoólicos, é evidentemente atacado de degenerescência báquica; a embriaguez é, para êle, uma necessidade absoluta, pois que é um impulsivo, um desequilibrado.

A cólera arrasta-o ao assassinato, o deboche leva-o à poligamia, às perversões sexuais e à morte.

A degenerescência acentua-se e refina nos sucessores de Alexandre, igualmente alcoólicos.

Continuando a folhear a História, encontraremos um sem número de degenerados alcoólicos que ocupavam os primeiros lugares do poder. Assim, em Diónisio — o antigo, da Sicília, aparece-nos, juntamente com uma crueldade requintada, o *medo da morte*.

O filho estava embriagado durante meses inteiros. Êste apresenta-nos um exemplar nítido do *ciume mórbido*...

Incestuoso, Diónisio, o moço, teve de sua irmã um filho que foi cruel e debochado como o pai; e um sobrinho, igualmente prevertido e alcoólico, sucidou-se.

Nos Césares romanos encontramos exemplares perfeitos de tôda a série de nevroses degenerativas que podem ter por causa o alcoolismo, desde os desvios mórbidos de ordem erótica até à epilepsia confirmada e à loucura furiosa. Júlio César, com o sôno agitado por pesadelos horrorosos, sujeito a síncopes freqüentes e a ataques epilépticos, apresenta, dêste modo, sintomas demasiado conhecidos da degenerescência hereditária e conseqüências naturais dos seus excessos alcoólicos e venéreos. Nos seus descendentes manifesta-se ainda debaixo das formas mais torpes os efeitos dessa degenerescência:

Júlia é uma luxuriosa desavergonhada; Calígula é um epiléptico e um doido furioso; Cláudio, num estado de embriaguez quase contínuo, é um imbecil; e Nero reune em si, como um acumulador de taras sucessivas, todos os vícios que os seus antepassados nos mostraram, e apresenta, confirmados, alguns que êles apenas esboçaram.

Em Roma, como na Grécia, como em tôda a parte e sempre, a intemperança baixou os caracteres, tornando-os homens violentos, egoístas, ambiciosos, pusilânimes e crueis...

MANUEL DE CASTRO.

A fundação do Direito pela fôrça

... Um figurão, homem de cabeça e de pulso, dirigiu um rochedo que dominava uma garganta entre dois ferteis vales; instalou-se ali e fortificou-se. O ocupante caía sôbre os transeuntes, assassinava alguns, pilhava e despojava o maior número. Tinha o poder e portanto o Direito. Os viajantes, aos quais desagradava meter-se em trabalhos, ficavam em casa ou davam uma volta. Quando se viu só, o salteador reflectiu e viu que morreria de fome se não entrasse em conciliação. Os peões que lhe reconhecessem o seu direito sôbre a estrada e salvar-se-iam do mau passo, pagando portagem. Concluiu-se o pacto e o senhor enriqueceu-se.

Um segundo herói, achando bom o ofício, incrustou-se no rochedo fronteiro. Êle também matava e roubava: estabelecia «os seus direitos». Cerceava assim os emolumentos do colega, o qual franzia a testa, resmungava no seu torreão, mas reflectia que o recemvindo tinha pulso forte. Os lobos não se devoram uns aos outros. Resignou-se com o que não pôde impedir e entrou em negociações: do que se pagava ao primeiro, pagar-se-ia um tanto ao segundo; é necessário que toda a gente viva!...

Surge um terceiro ladrão que se instala noutro cotovelo da estrada. Do alto da sua guarita anuncia também que tirará a sua parte. Esta pretensão ofusca os anteriores que compreendem muito bem que serão prejudicados no seu rendimento se pedirem três soldos ao viajante, o qual, tendo só dois para dar, ficará em casa em vez de arriscar a sua pessoa e a sua bagagem. Então os nossos economistas, á maneira de Cartouche e de Mandrin, lançam-se sobre o intruso, maltratam-no, espancam-no e forçam-no a desalojar-se. Depois reclamam dois liares, a mais, como justa remuneração pelo trabalho que tiveram para expulsarem o expoliador, legítima recompensa do mal que sofrem com o impedir a sua volta. Daí em diante, os dois senhores, ricos e poderosos como nunca, intitularam-se: «Senhores dos desfiladeiros, Vigilantes das estradas nacionais, Defensores da indústria, Patronos da agricultura», nomes que o povo ingénuo repetia com delícia, porquanto agradava-lhe ser expoliado sob o manto da protecção, de pagar largo tributo aos bandidos que sabem viver!

E' assim — admirem o engenho humano! — que o banditismo se regulariza, se estende, se desenvolve, se transforma em mecanismo de ordem pública. A instituição do roubo, que não é o que o vão povo pensa, origina a propriedade e a polícia. A autoridade política que nos davam ainda ontem, como emanação do Direito divino e benefico da Providência, constituiu-se pouco a pouco pelos cuidados e pelas manhas dos velhacos privilegiados, pelos esforços sistematicos de malandrins, homens de experiência. Os gendarmes foram formados e educados pelos denodados, que, com paus nodosos, vagueavam á beira da floresta, e bradavam ao mercador: «A bolsa ou a vida!» O imposto foi o ajuste, o prémio que os roubados pagaram aos ladrões. Alegres e reconhecidos, os roubados puseram-se por detraz dos cavaleiros da estrada rial, proclamaram-nos esteios da ordem, da religião, da família, da propriedade e da moral: consagraram-nos governo legítimo. Foi um comovente acôrdo...

ELIE RECLUS.

«A Aurora» Semanário anarquista

A' venda em tôdas as tabacarias e quiosques.